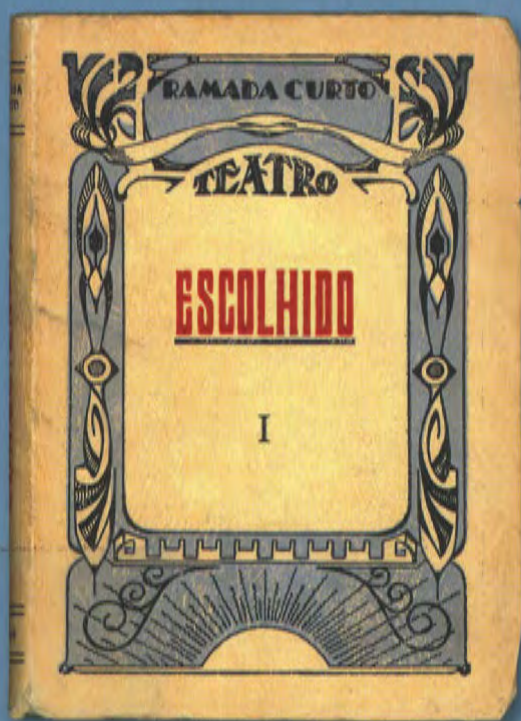


RAMADA CURTO TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica
de DUARTE IVO CRUZ



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



OFERTA

82.134.5
EVR, R 1

BIBLIOTECA
DE AUTORES
PORTUGUESES

RAMADA CURTO
TEATRO ESCOLHIDO



Título: Teatro Escolhido
Vol. I

Autor: Ramada Curto

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Levi Condinho

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Setembro de 2004

ISBN: 972-27-1346-9

Depósito legal: 215 392/04

RAMADA CURTO

TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica
de DUARTE IVO CRUZ

Vol. I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

O HOMEM QUE SE ARRANJOU

[1928]

O HOMEM QUE SE ARRANJOU

PERSONAGENS:

MENINA DOS VESTIDOS
PORTEIRA
AMIGO DO COLÉGIO
COCOTTE LEONOR
MÉDICO
GENERAL GOUVEIA
JUIZ ALBUQUERQUE
MULHER DO HOMEM
TEIXEIRA, O «HOMEM QUE SE
ARRANJOU»
FILHA DO HOMEM
CRIADA
1.º CIDADÃO
2.º CIDADÃO
TABERNEIRO
CRIADO

FIGURANTES:

VARINA
CARTEIRO
COBRADOR
CHAUFFEUR
CAIXEIRO DA MERCEARIA
FREGUESES DO BOTEQUIM
VARREDOR DA RUA

*Lisboa.
Actualidade.*

PRÓLOGO

Um botequim de bairro excêntrico. Porta ao fundo deitando para a rua. O balcão ao fundo, à direita. Mesas de pedra e cadeiras. Armários com garrafas. Sobre o balcão, copos, garrafas, a máquina do café, etc.

CENA I

O AMIGO DO COLÉGIO, O 1.º CIDADÃO, O 2.º CIDADÃO, O CRIADO
e o HOMEM DO BALCÃO

AMIGO (*está a uma mesa com o 1.º e o 2.º Cidadão*) — Isto, meus velhos, só estando a chover pólvora quinze dias e depois cair do céu um fósforo aceso!... Só assim é que isto entrava nos eixos!... Ou então um novo Terror como em França no tempo de Napoleão!...

1.º CIDADÃO — Você está bem certo que isso foi no tempo de Napoleão?...

AMIGO — Se não foi no tempo dele, andou por aí perto. (*Ao Criado.*) Ó Evaristo, traz um bock! Com bastante pressão!

CRIADO — Vai... (*Ao balcão.*) Um bock a espumar!

AMIGO — Ainda há dias tive ocasião de desafrontar a República, na pessoa dum desses miseráveis que a atraíram...

2.º CIDADÃO — Conta lá isso, ó Julião!

AMIGO — Vocês conhecem o Teixeira? O Teixeira das concessões à companhia alemã em África?

2.º CIDADÃO — O homem que se arranjou.

AMIGO — Esse mesmo. Esse bandalho foi meu condiscípulo, meu amigo. Eu, antes de perder tudo quanto tinha com a política, dei-lhe muita coroa, matei-lhe muitas vezes a fome... Por essas e por outras é que estou arruinado... Mas, que querem vocês! O coração e o Ideal levaram-me a este estado. (*O criado traz o bock.*)

1.º CIDADÃO (*irónico*) — Molhe a palavra, Julião!... Molhe a palavra primeiro!

AMIGO (*bebe o bock, limpa a boca com as costas da mão*) — Ah! Pois como eu ia dizendo... Como vocês sabem esse miserável está *alttssimo*... Mora num palacete aqui perto, com garagem, grades de ferro a toda a volta... Vocês compreendem que, se eu quisesse transigir, esse tipo, pra se dar ares de ser dos puros, fazia-me o que eu quisesse... Mas vocês sabem a minha têmpera... Nem que arrebente com fome!

1.º CIDADÃO — Mas não se perca... Deixe isso agora!... Conte lá como é que desafiou a República.

AMIGO — Foi assim. Esse tipo já por duas ou três vezes tem querido meter conversa comigo... Escreveu-me, convidou-me a ir lá a casa e eu nem me dei ao trabalho de lhe devolver os convites... Até que ontem ia a passar mesmo de frente da casa dele, pára um automóvel — um *Rolls-Royce*, com *chauffeur* de libré e trintanário, e quem é que se apeia? O malandro do Teixeira... Encara comigo, eu encaro com ele... Ele avança pra mim todo risonho, «Ó meu velho Julião», com o *bacalhau* estendido...

1.º CIDADÃO — E você o que fez?

AMIGO — Eu? Não fiz mais nada senão isto: dei-lhe assim um sopapo na mão e só disse «tire para lá isso, seu pulha!...». E segui o meu caminho.

2.º CIDADÃO — Lindo gesto!

AMIGO — Eu cá sou assim... (*Ao Criado.*) Traz lá outro *bock*, ó Evaristo...

CRIADO — Vai... (*Ao Caixeiro.*) Outro *bock* com pressão!...

2.º CIDADÃO — A minha companheira compra os vestidos à mulher dele... Que a minha rapariga ajuda-me, junta os seus ganhos aos meus... Pois, é ela que o diz, os vestidos dessa mulher são dum luxo assombroso...

1.º CIDADÃO — Então a sua companheira com essa senhora deve ganhar bom dinheiro?

2.º CIDADÃO — Esta gente quanto mais tem mais quer. A mulher é gananciosa e deixa pouco para lucro da minha... (*Ao Amigo.*) Você leu no meu semanário *O Redentor* um artigo que eu escrevi sobre o tipo? Foi depois de falar consigo...

AMIGO — Li. Está d'escacha!

2.º CIDADÃO — O título saiu-me bom: «Teixeira, enquanto os nossos *serranos* morriam na Flandres, vendia aos retalhos a terra sagrada da pátria aos Alemães!»

1.º CIDADÃO (*ao Amigo*) — Você já viu a fotografia da escola que a minha associação mandou construir para os

filhos da gente da classe? Foi esse Teixeira que fez a planta... Ele será o que vocês quiserem mas não levou nada pelo trabalho. Eu tenho aqui na carteira a fotografia. (*Tira a carteira do bolso do casaco e procura uma fotografia que mostra.*)

2.º CIDADÃO — Ora, meu amigo, isso é para deitar poeira nos olhos!

AMIGO — Está bem de ver!...

1.º CIDADÃO (*mostrando a fotografia*) — Vejam lá sempre...

2.º CIDADÃO (*vendo com desdém*) — Não tem estética!

AMIGO (*o mesmo jogo*) — Qualquer mestre-de-obras fazia melhor!...

1.º CIDADÃO (*mete a carteira no bolso. Nesta ocasião cai-lhe de dentro sem ele reparar um envelope cheio*) — Enfim! Seja como vocês quiserem...

2.º CIDADÃO — Eu mandei *O Redentor* a esse tipo, com o artigo marcado a lápis... E sabem o que ele fez? Nem me devolveu o jornal, e quando lhe mandei o recibo da assinatura nem quis assinar! Isto define um sujeito.

1.º CIDADÃO — Se calhar o homem não gosta que lhe batam... Mas vocês têm bem a certeza que ele vendeu os pretos aos Alemães?

AMIGO — Essa agora é nova! Com que você vem à praça! Então você não está farto de saber que esse Teixeira é um crapuloso, um vendido, cheio de dinheiro mal ganho?...

1.º CIDADÃO — Eu cá não lho contei nunca. E o que acho é que, se acaso não fosse verdade, isso era o diabo e podia dar mau resultado. Imaginem vocês que se arma pra aí alguma *bernarda* e o pagode arreventa com o homem? Depois então fazem-lhe exéquias.

AMIGO (*indignado*) — Você sempre me saiu um tipo. É isso que lhe ensinam lá na Associação? A defender os tratantes?

2.º CIDADÃO — Você fala assim porque está cheio!... Não sente estas coisas como nós!

1.º CIDADÃO — Estou cheio? Estou cheio de quê? Só se for de trabalho! E não sinto essas coisas? Ainda o meu amigo sujava os calções, já eu me fartava de malhar com os ossos nos calabouços em defesa do que está! Ora a asneira, hem? Isso nem tem resposta! (*Levanta-se, atravessa a cena até ao balcão; ao Caixeiro.*) Dá-me daí uma caixa de fósforos, das grandes, ó rapaz... A gente sempre ouviu coisas...

AMIGO (*ao 2.º Cidadão, baixo*) — Estás ouvindo o camarada? É preciso desconfiar dele. Parece-me um vendido. Está sempre com piadas!

2.º CIDADÃO — A quem tu o dizes! Há que tempos que eu sei que ele é da polícia!

AMIGO — Sério?! Ai o malandro!

1.º CIDADÃO (*dirigindo-se para a porta do fundo; aos outros dois*) — A conversa não dá interesse! Boa tarde à companhia!

AMIGO e 2.º CIDADÃO — Boa tarde...

(*O 1.º Cidadão sai.*)

CENA II

Os mesmos, menos o 1.º CIDADÃO

AMIGO — Ó Evaristo, traz outro *bock*...

CRIAÇÃO — A saltar. (*Ao Caixeiro.*) Outro *bock*...

AMIGO — Tu não queres um *bock*? Eu pago...

2.º CIDADÃO — Não vai mais. E tenho que me ir embora. Tu ficas?

AMIGO — Para onde queres tu que eu vá?... Com esta crise de trabalho não sabe a gente em que há-de empregar a sua actividade.

2.º CIDADÃO — Então até logo... Eu talvez volte.

AMIGO — Até logo...

(*O 2.º Cidadão sai.*)

CENA III

O AMIGO DO COLÉGIO e o CRIADO

AMIGO (*só, junto da mesa, mete um cigarro numa boquilha; a boquilha cai-lhe da mão, abaixa-se para a apanhar e dá com o sobrescrito que caiu da carteira ao 2.º Cidadão*) — O que é isto? (*Apanha o sobrescrito, rapidamente, puxa o que está dentro; são notas.*) Ó raio! É dinheiro. (*Conta, olhando o Criado e o moço do balcão.*) Uma, duas, três, quatro... Quatrocentos paus! Sempre é verdade. O tipo é da polícia. (*Mete rápido o envelope à algibeira, bate na mesa chamando o Criado.*) Evaristo! Ó Evaristo! Estás surdo... (*Põe dinheiro miúdo sobre a mesa.*)

CRIADO — Pronto...

AMIGO — Paga-te lá e guarda o troco... (*O Criado executa; levanta-se.*) Até já, ó Evaristo!...

CRIADO — Até já, Sr. Julião.

(*Julião sai rápido pelo F.*)

FIM DO QUADRO

O pano desce só com a demora suficiente para se armar o primeiro acto

I ACTO

Uma escada larga e espaçosa, de prédio novo, para inquilinos ricos. A porta da rua ao fundo. No palco, debaixo à D. F., o cubículo da porteira, com uma porta que abre a meia cena. Junto do guarda-vento, à E., um bufete e um banco grande em pau-preto. Dum lado e doutro, escada atapetada, corrimão de madeira, juntando-se a meia altura no patamar do primeiro andar com a porta à D. e à E. A escada segue para cima e some-se no urdimento. O patamar e a escada são francamente praticáveis e bem visíveis do público.

CENA I

A MENINA DOS VESTIDOS e a PORTEIRA

MENINA (*desce a escada e pára diante do cubículo da Porteira*) — Então muito bons dias...

PORTEIRA — Demorou-se muito... É bom sinal. É que sempre se fez negócio. Onde foi?

MENINA — Fui ao primeiro, direito. As filhas do Albuquerque tinham lá uns *quicos* de Inverno para vender, mas eu queria que a Sr.^a Júlia os visse! Ofereci cinco mil réis por cada um e não quiseram... Uns trapos que pareciam apanhados no caixote do lixo...

PORTEIRA — Aquilo ali é uma *pingonhice*... A mãe faz os vestidos em casa... Mas em *proa* ninguém lhes ganha... Passam por mim como cão por vinha vindimada... A mãe e as duas sirigaitas são três focinhos duma coisa que eu cá sei. Mas é vê-las! Parece que outros burros não vão à feira!

MENINA — E depois deixam os vestidos todos suados. Assim ninguém dá nada por eles.

PORTEIRA — Está bem de ver... E olhe que por baixo ainda deve ser pior... Aquilo por fora são cordas de viola... A mais nova é que se apura mais agora por causa dum rapazola que anda aí... Já são duas vezes que o apanho no patamar a falar com ela à porta... E para eu me calar agora já me sabe o nome, já me mostra os dentes. «Sr.^a Júlia, bons dias.» «Como passou, Sr.^a Júlia? A Sr.^a Júlia está melhor do seu reumático?» Bem te entendo! Que o rapaz parece-me cavalheiro. Deu-me dez mil réis na quinta-feira.

MENINA — Fui também ao lado direito, a casa do cónego Mendes. E vá lá! A governanta vendeu-me um casacão de Inverno, de boa fazenda e em bom uso. Não comprei caro.

PORTEIRA — Mula de abade tem arreio rico!... E ao segundo andar, foi?

MENINA — Ao lado esquerdo não fui. A mulher do general não estava...

PORTEIRA — Isso também dá pouco interesse... Eu falo à do lado direito, a D. Leonor...

MENINA — Ah! Isso sim!... Que casa aquela, Sr.^a Júlia! Olhe que cheira bem logo da porta... Ali há dinheiro, há gosto, há elegância...

PORTEIRA — Pudera, não haver!... O homem com quem ela está é banqueiro.

MENINA — Dos da batota?...